

SCHEFF, Thomas. "As partes e o todo: o trabalho profético de Goffman". Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 46, p. 60-72, abril de 2017 ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

As partes e o todo O trabalho profético de Goffman

Parts and Wholes: Goffman's Prophetic Work

Thomas Scheff

Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury

Recebido: 15.11.2016

Aprovado: 03.02.2017

Resumo: Estudos recentes sugerem que "a sociedade americana é uma cultura baseada na vergonha, mas... a vergonha permanece escondida" (Kaufman, 1989 e outros). Goffman parece ter antecipado esse movimento por muitos anos. Ele fez a maior parte dessa análise em seu livro *A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana* PSEL. No entanto, como a proposição central ocorre apenas no último capítulo, em vez de no primeiro, onde deveria ter sido, ele ainda é considerado um escritor de exemplos não sistemáticos. Este artigo mostra um sistema parte/todo no PSEL e em alguns de seus artigos e livros da época, e o papel crucial da vergonha, incluindo o embaraço e a humilhação, na compreensão da vida social. Seus muitos exemplos são as partes, suas proposições sobre a vergonha, o embaraço e a humilhação o todo. O trabalho de Goffman e o de outros apontam para a necessidade de recuperar os campos que têm usado termos alternativos, como honra, estigma, medo de rejeição, desrespeito, dor social, etc., como se o PSEL e seus homólogos mais recentes nunca tivessem existido. De uma forma mais abrangente, o trabalho de Goffman sugere a necessidade de um novo campo, tanto quantitativo como qualitativo: em uma combinação de magnitudes iguais, menos partes e maiores todos. **Palavras-chave:** Goffman, sistema parte/todo, vergonha, embaraço, humilhação

Abstract: Recent studies suggest that "American society is a shame-based culture, but... shame remains hidden" (Kaufman, 1989 & others). But Goffman seems to have anticipated this movement by many years. He did most of this analysis in his book *The Presentation of Self in Everyday Life* PSEL. However, because the central proposition occurs only in the last chapter, rather than first where it should have been, he is still taken to be a writer of unsystematic examples. This paper shows a part/whole system in PSEL and some of his articles/books published at that time, the crucial role of shame, including embarrassment and humiliation, in understanding social life. His many examples are the parts, his propositions on shame, embarrassment and humiliation the wholes. Goffman's work and that of others point to the need to reclaim the fields that so far have used alternate terms, such as honor, stigma, fear of rejection, disrespect, social pain, and so on, as if PSEL and its more recent counterparts never existed. More broadly, Goffman's work in this area suggests the need for a new field that could be both quantitative and qualitative: combining in equal proportions, least parts and greatest wholes. **Keywords:** Goffman, part/whole system, shame, embarrassment, humiliation

O livro de Erving Goffman *A Apresentação do Eu na Vida Cotidiana*¹ é um dos mais populares já publicados no campo da sociologia. Nos cinquenta e sete anos de sua

¹*The Presentation of Self in Everyday Life* (1959), doravante PSEL.

publicação, vendeu bem mais de duzentas mil cópias ou cerca de três mil e quinhentos livros por ano. Parece provável que não só os estudiosos e seus alunos, mas também o público em geral foram comprá-lo.

Entre os pesquisadores, no entanto, o livro tem muitos críticos, cujas queixas se prendem, principalmente, a ausência de uma orientação de seus conceitos e/ou proposições. Os críticos afirmam que, em vez de orientação e foco conceitual, há apenas um número infinito de exemplos muito detalhados de interação social. Uma versão recente desta crítica é dada, por exemplo, por Dellwing (2016). Ele chamou o trabalho de Goffman de um trabalho de *flâneur*, um vernáculo francês para termos que podem ser traduzidos como *passeador* (stroller), *divagador* (lounger), *sem direção* (saunterer) ou de uma grande *vadiagem* (loafer). A maioria dos sociólogos concorda com a essência de seu argumento: eles acham que o trabalho de Goffman não tem uma direção clara, fornecida por um ou mais conceitos gerais e/ou generalizações. Parece, aos seus críticos, que ele estava apenas se divertindo com os seus muitos e variados exemplos de seres humanos em ação.

Creio, contudo, que esta crítica é completamente equivocada e, certamente, não se aplica ao PSEL, ou aos outros trabalhos de Goffman. No último capítulo do PSEL, Goffman tem uma generalização que pode ser entendida como aplicável a cada um dos seus muitos exemplos:

Não há nenhuma interação na qual os participantes não tenham uma chance apreciável de estar um pouco envergonhados, ou uma pequena chance de serem profundamente humilhados (p. 243).

Esta declaração ocorre apenas no final do livro. Afirma inequivocamente que toda a interação carrega com ela o risco da exposição ao embaraço/humilhação. A idéia principal que Goffman verbalizou abertamente e repetidamente no livro, desde o início, é a do *gerenciamento de impressões*. Esta idéia gira em torno da palavra vergonha e de suas duas irmãs, o gerenciamento de impressões, deste modo, implica em vergonha: a razão pela qual gastamos tanto tempo e cuidado administrando as nossas impressões, diz Goffman, é para evitar o constrangimento e a humilhação da melhor maneira possível.

Embora ele não cite Cooley (1922), o que Goffman parece ter feito foi procurar exemplos detalhados de resultados para o *self autoespelhado* (looking-glass self). Cooley havia lançado as bases para a idéia de que a vida humana é assombrada, ou senão controlada, pela vergonha. Em duas breves declarações, ele sugeriu que tanto a vida interna como a externa produzem emoções, e que o processo do self sempre leva ao orgulho ou à vergonha:

- A. "Vivemos na mente dos outros sem saber disso" (p.208).
- B. "[O self] parece conter três elementos principais:
 - i. A imaginação de nossa aparência para a outra pessoa
 - ii. A imaginação do seu julgamento dessa aparência
 - iii. Algum tipo de sentimento de si mesmo, como o orgulho ou a mortificação [vergonha]" (p.184).

Conquanto Cooley tenha empregado tanto o orgulho quanto a vergonha, todos os seus exemplos são sobre vergonha. Há apenas alguns poucos exemplos, e eles são breves e um tanto abstratos, ao contrário dos exemplos de Goffman no PSEL.

A fim de compreender a linguagem falada que, se tomada literalmente, é bastante ambígua, as crianças devem aprender desde uma idade precoce a ouvir o que é dito não apenas a partir de seu próprio ponto de vista, mas também do ponto de vista do orador. À medida que se tornam competentes no desempenho dos papéis, eles aprendem

e usam de forma tão rápida e frequente que, às vezes, não prestam atenção que estão fazendo isso. Essa competência, entretanto, abre uma enorme caverna de sinais que poderia ser, pelo menos, interpretada como rejeição.

A última parte da frase de Cooley, *sem ter consciência*, aponta para uma séria dificuldade de se estudar os seres humanos: eles parecem desconhecer a enorme quantidade de tempo que gastam na mente dos outros e, portanto, quanta vergonha eles sofrem ou pelo menos a ela estão expostos. Uma causa mais específica da dificuldade é que a palavra *vergonha* é geralmente um tabu. Um aspecto deste tabu aparece claramente na pesquisa acadêmica: há muitos estudos sobre o sistema de vergonha, mas que se escondem sob outros termos, tais como: medo da rejeição, desrespeito, estigma, culturas de honra, vingança, etc.².

Vejo por que tão poucos têm notado a sentença crucial de Goffman sobre a onipresença da ameaça do embaraço ou da humilhação, porque elas competem ao início do livro, e não ao final. Levei muitos anos voltando ao livro, mais e mais, para encontrar esse porque tão poucos o notaram. Embora eu conhecesse pessoalmente Goffman, - ele foi meu conselheiro por vários anos (1956-1958), quando lecionou em Berkeley, - eu não entendia quase nada sobre o trabalho dele, naquela época. Em uma grande turma de graduação eu era um dos seus cinco assistentes de ensino. Eu achava difícil seguir as suas palestras, e ficava bastante surpreso quando os alunos o ovacionavam de pé no final da classe.

Eu não pude discutir a sentença escondida com ele, no tempo que o encontrei e a ele tive acesso porque, quando comecei a me perguntar sobre o assunto, ele já tinha morrido (1982). A princípio, eu presumi que a frase estava escondida no final do livro, porque ele mesmo não tinha pensado sobre isso. No entanto, quanto mais familiar o seu trabalho se tornou para mim, e apreendi mais profundamente a sua obra, menos provável parece agora.

A maior parte dos primeiros trabalhos de Goffman está focada na vergonha ou nos seus dois cognatos, o embaraço e a humilhação. (O embaraço é uma versão mais leve, e a humilhação uma versão mais densa da emoção vergonha). O seu primeiro artigo, *On Cooling the Mark Out*³, de 1952, diz respeito, em sua maior parte, a humilhação:

... O momento da falha [para cumprir um papel] pega uma pessoa agindo, muitas vezes, como alguém que sente que é um tipo adequado de pessoa para o papel em questão. Neste caso, a assunção se torna presunção e a insuficiência torna-se fraude. Para a perda de substância é adicionada, assim, a perda da face. Dos muitos temas que podem ocorrer na história natural de um envolvimento, esta parece ser a mais melancólica. Aqui, será essencial e, também, bastante difícil, esfriar o marca. Este artigo está particularmente preocupado com este segundo tipo de perda, *o tipo de perda que envolve a humilhação* (1952, p. 4)⁴.

Em seguida, Goffman (1956) dedicou um artigo inteiro à emoção constrangimento. Ele propôs uma definição detalhada dessa emoção, o que ainda é visto como uma ideia avançada. E, finalmente, em dois artigos de 1961, 1963⁵, ele definiu o estigma como vergonha como o faz a maioria dos dicionários.

²Ver os estudos nomeados nas referências ao final deste artigo.

³A *RBSE* traduziu este artigo sob o título “*Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso*” (Goffman, 2014).

⁴Os termos entre colchetes e a ênfase são de Scheff. – Nota do tradutor.

⁵Todos os artigos citados por ano, de Goffman, se encontram ao final, nas referências bibliográficas deste artigo.

Com base em uma detalhada análise dos trabalhos de Goffman sobre a vergonha e seus cognatos, tanto antes, como depois de PSEL, parece possível pensar que ele pôs a proposição central vergonha no final e não no início do PSEL, para dar ao livro uma chance de ser vendido e lido. Essa idéia é baseada em pesquisas que mostram que o mundo da vergonha é um tabu nas sociedades modernas, e Goffman percebeu isso quando publicou PSEL. Ele parece ter compreendido esse problema, pela primeira vez, com o seu artigo de 1952: quando percebeu, ou foi alertado, de que alguns dos leitores se sentiram desconfortáveis com a parte que tratava da humilhação.

O tabu em vergonha

O psicólogo Gershen Kaufman foi um dos vários escritores que argumentaram que a vergonha é um tabu em nossa sociedade:

A sociedade americana tem uma cultura baseada na vergonha, mas... a vergonha permanece escondida. Desde que existe vergonha sobre a vergonha, ela permanece sob tabu. ... O tabu sobre a vergonha é tão estrito... que *nos comportamos como se ela não existisse* (Kaufman, 1989).

James Gilligan (1997) forneceu uma abordagem para esta questão com base em suas experiências, como psiquiatra de prisão, com homens violentos. Por muitos anos ele se habituou, através de uma pergunta simples, a indagar aos prisioneiros que haviam cometido assassinato o porquê deles terem feito isso. A maioria das respostas tomou esta forma: porque ele *dissed me*⁶ (me desrespeitou). Esta resposta era denotativa, para Gilligan, de que eles haviam reagido com raiva e violência ao desrespeito, como um meio de evitar a vergonha.

A emoção vergonha é a causa primária ou última de toda violência... A vergonha é uma causa importante, mas não suficiente, para a violência, assim como o bacilo da tuberculose é importante, mas não o suficiente para o desenvolvimento da doença. As diferentes formas de violência, porém, seja para indivíduos ou para populações inteiras, são motivadas (causadas) pela vergonha (p. 110-111).

[Existem três pré-condições sob as quais a vergonha leva à violência]. *A primeira pré-condição* é a de que a vergonha é um segredo, provavelmente, o segredo mais cuidadosamente guardado pelos homens violentos... O grau de vergonha que um homem precisa experimentar para se tornar um homicida é tão intenso e doloroso que ameaça subjogá-lo e, até, provocar a morte de si mesmo, fazer com que ele perca a cabeça, a alma ou a sua sagrada honra (p.111).

A idéia de que a vergonha é secreta, e de que a *vergonha secreta* é a causa principal da violência é uma ideia muito importante, contudo, é uma ideia que precisa ser elaborada. As emoções consideradas normais dificilmente são esmagadoras porque elas são breves e instrutivas. O medo é um sinal de perigo iminente, mas, vem e vai geralmente, em relativamente poucos segundos, assim como outras tantas emoções consideradas normais. A vergonha considerada normal e o constrangimento, da mesma forma, são indicativos e emitem sinais breves de rejeição, real ou potencial, por outro ou outros. Que tipo de dinâmica pode resultar em um sentimento dominado inteiramente por emoções dolorosas, a ponto de levar alguém a perder toda a inibição? Esta questão

⁶O termo *Dissed*, na conversa informal e vulgar, indica um falar desrespeitoso ou crítico em relação a ou sobre alguém, ao colocar o pronome *me*, indica diretamente um desrespeito pessoal dirigido a um determinado alguém [nota do tradutor].

será retornada abaixo, depois de traçar considerações às outras duas condições de Gilligan. Para este autor:

... *A segunda pré-condição* para a violência se dá quando os homens se percebem como *não tendo mais meios não-violentos* para afastar ou diminuir os seus sentimentos de vergonha... como uma recompensa econômica ou cultural e socialmente, ou por status social, posição e prestígio elevados (p. 112).

A terceira pré-condição... acontece quando *a pessoa não desenvolve outros sentimentos que inibam* os impulsos violentos estimulados pela vergonha. Os mais importantes são o amor e a culpa em relação aos outros, e o medo pelo self... (p. 113).

Estudos de apoio: Norbert Elias e Helen B. Lewis

*O Processo Civilizador*⁷ é um estudo extraordinário sobre centenas de anos de história européia. Nele, o sociólogo Norbert Elias analisou manuais de etiqueta e educação em cinco diferentes idiomas. Neste livro há dois temas centrais. O primeiro discute como a punição física diminuiu, e a vergonha se tornou cada vez mais dominante como agente principal do controle social. O segundo, sobre como a vergonha tornou-se mais prevalente e, também, quase invisível por causa do tabu sobre ela.

O trecho a seguir dá o sabor do estudo de Elias. É de uma obra do século XIX (Von Raumer, 1857) que aconselha as mães a responderem às perguntas sexuais que suas filhas fazem:

As crianças devem ser deixadas o maior tempo possível na crença de que um anjo traz bebês... Se as meninas mais tarde perguntarem como as crianças vêm ao mundo, elas devem ser informadas de que o bom Deus dá a mãe, o seu filho... "Vocês não precisam saber nem entender como Deus dá os filhos". É a tarefa da mãe ocupar os pensamentos de suas filhas tão incessantemente com o bom e o belo que não lhes reste tempo para pensar nessas coisas... Uma mãe... só deveria dizer uma vez seriamente: "Não seria bom para você saber tal coisa, e você deve tomar cuidado para não ouvir nada sobre isso". Uma garota verdadeiramente bem-educada, a partir de então, deve sentir vergonha em ouvir coisas desse tipo. (1978, p. 180)

Elias interpreta primeiro a repressão da sexualidade, em termos de *vergonha oculta*:

Uma aura de embaraço... circunda essa esfera da vida. Mesmo entre os adultos é referido oficialmente apenas com cautela e circunlóquios. E, com as crianças, particularmente as meninas, essas coisas são, na medida do possível, não referidas. Von Raumer não dá razão sobre o porquê não se deva falar disso com os filhos. Ele poderia ter dito que é desejável preservar a pureza espiritual das meninas durante o maior tempo possível. Mas, mesmo essa razão é, apenas, mais uma expressão de como a gradual submersão desses impulsos na vergonha e no embaraço avançou nessa época (1978, p. 180)

Elias levanta uma série de questões significativas sobre este trecho, sobre a sua motivação e os seus efeitos. Sua análise caminha para o que pode ser chamada de uma cadeia causal-chave da civilização moderna: a negação da vergonha e dos laços sociais ameaçados que ambos causam e refletem essa negação.

⁷*The Civilizing Process* (1939), traduzido para o inglês em 1978. De agora em diante referido como TCP.

Considerado racionalmente, o problema que [Von Raumer se] confronta parece não resolvido, e o que ele diz, parece contraditório. Ele não explica como e quando a jovem deve estar pronta para entender o que está acontecendo e [o que] vai acontecer com ela. A principal preocupação [dele] é a necessidade de incutir *modéstia* (ou seja, sentimentos de vergonha, medo, embaraço e culpa), ou, mais precisamente, um comportamento conforme ao padrão social [da jovem]. E sentimos, assim, quão infinitamente difícil é para o próprio educador superar a resistência da vergonha e o constrangimento que lhe rodeiam (1978, p. 181)

O estudo de Elias sugere, destarte, uma maneira de entender a transmissão social do tabu sobre a vergonha e o vínculo social. O professor adulto, Von Raumer, neste caso, não só se envergonha do sexo: ele se envergonha de ter vergonha. O leitor do século XIX, por sua vez, provavelmente reagiu de maneira semelhante: se envergonhar, envergonhar-se de se envergonhar e envergonhar-se de causar mais vergonha para a filha. O conselho de Von Raumer era parte de um sistema social no qual as tentativas de delicadeza civilizada resultaram e continuam a resultar em uma reação em cadeia sem fim da vergonha oculta.

Elias entendeu o significado da negação da vergonha para demonstrar que a vergonha se torna desde então subterrânea, levando a um comportamento que se encontra fora da consciência:

Nem motivos racionais, nem razões práticas, determinam essa atitude, mas, sim, a vergonha (*Scham*) dos adultos, que se tornou compulsiva. Foi às proibições e as resistências sociais no interior dos adultos em si mesmos, o seu próprio superego, que os fez e faz ficar em silêncio (1978, p. 181)

Como muitas outras passagens, esta implica não apenas no tabu sobre a vergonha, mas sobre os mecanismos pelos quais ela é transmitida e mantida.

O estudo de Helen Lewis sobre sessões de psicoterapia

Helen Lewis, pesquisadora em psicologia, utilizou um método sistemático (Gottschalk & Glaser, 1969, 1994) para localizar indicadores de emoções verbais em transcrições de cento e cinquenta sessões de psicoterapia⁸. Lewis parece não ter conhecimento do estudo de Elias. Ela descobriu, para a sua surpresa, que a vergonha/constrangimento era, de longe, a emoção mais frequente nas sessões por ela analisadas, incidindo mais do que todas as outras emoções combinadas. Ela também descobriu que os casos de vergonha/constrangimento, ao contrário dos relacionados com a alegria, o sofrimento, o medo ou a raiva, eram virtualmente nunca mencionados pelo cliente ou pelo terapeuta. Ela chamou esses casos não mencionados de *vergonha não reconhecida*. As suas descobertas suportam, palavra por palavra, a tese de Elias sobre a prevalência e a invisibilidade da vergonha dentro de um plano histórico.

Lewis também descobriu que a vergonha, nesses episódios, parecia estar escondida de duas diferentes maneiras. A primeira delas, através da *vergonha indiferenciada e indireta*. Este modo envolve sentimentos dolorosos escondidos por trás de termos que evitam a *palavra-S*⁹. Elias, por exemplo, usou a palavra *circunlocuções*. A *vergonha ignorada* é a segunda forma descoberta por Lewis. Envolve pensamento,

⁸Dez sessões administradas por quinze terapeutas.

⁹*Palavra-S* indica, para Scheff, a palavra *shame*, ou seja, *vergonha*. Nesta tradução se utilizará da nomenclatura igual à utilizada em Scheff, portanto, *palavra-S*, e não *palavra-V*, como seria em português [nota do tradutor].

fala ou comportamento rápido, porém, pouco sentimento. A *vergonha indiferenciada e indireta* é marcada pela dor, por confusão e reações corporais, tais como rubor, sudorese e/ou batimentos cardíacos rápidos. Na experiência do seu processo se chega a esquecer palavras, ou ser acometido por uma desordem ou desorganização do pensamento ou do comportamento, tal como nos estados de embaraço.

Muitos dos termos comuns para os sentimentos dolorosos parecem se referir à *vergonha manifesta e indiferenciada* como um sentimento peculiar, expresso em palavras tais como: tímido, acanhado, estranho, engraçado, incomodado ou miserável. Na adolescência vernácula, as gírias indicam esse estado como sendo: uma *aberração*, um *excêntrico*, ou um personagem *prá baixo ou estranho*. As frases "eu me senti como um tolo", ou "um idiota perfeito" são prototípicas. Alguns dos termos substitutivos envolvem frases como, por exemplo, "[foi] um momento embaraçoso", que quer significar: "Não sou eu que estou envergonhado (negação), mas o momento que é estranho (projeção)". Um artigo de Suzanne Retzinger (1995) lista mais de uma centena de palavras e frases substitutivas, como as acima.

A *vergonha ignorada*, por sua vez, se manifesta como um breve sentimento doloroso, geralmente fugaz, seguido de pensamento ou discurso obsessivo e rápido. Um exemplo comum poderia ser representado por alguém que se sente insultado ou criticado. Naquele momento (ou mais tarde, o recordando), se pode experimentar um breve baque de sentimento doloroso seguido, imediatamente, por repetições imaginárias da cena ofensiva. As repetições são variações de um tema: como alguém poderia ter se comportado de maneira diferente, evitando o incidente ou respondendo a ele com um de forma mais eficiente. O processo de vergonha ignorada pode gerar situações críticas de obsessão.

O uso de Lewis de um método sistemático para detectar termos emocionais e cognatos, me parece, pode ter levado a uma subnotificação de episódios de vergonha. A sua descoberta de episódios de *vergonha ignorada* se encontra nesse meio, já que o método que ela usou servia melhor para localizar termos em relação à *vergonha indiferenciada e indireta*, mas, às vezes, na repetição da narrativa encontrou a conversa obsessiva que tinha sido esmaecida ou pulada nas primeiras análises, e que, mais tarde viria a caracterizar a *vergonha ignorada*.

O método de Elias, por sua vez, não era sistemático e, por isso, provavelmente, muito mais amplo do que o de Lewis. Ele examinou todos os tópicos que frequentemente ocorrem nos livros por ele trabalhados: sexualidade, funções corporais, modéstia, delicadeza, maneiras, constrangimento e, o que ele chamou de *medo sociogenético*. Na última frase ele não estava se referindo ao medo no sentido de uma resposta ao perigo físico. Ao contrário, em vez disso, ele a usou como outra maneira de se referir à vergonha. Este tipo de evasão da palavra-S ocorre com frequência em conversas cotidianas: a expressão, por exemplo, "Eu temo rejeição" não tem nada a ver com o perigo físico, mas, geralmente, significa uma forma de *antecipar a vergonha*.

Tanto o estudo de Elias quanto o de Lewis podem ser vistos como sugestões de que a vergonha é onipresente, entretanto, invisível nas sociedades modernas; contudo, os seus estudos não tornam esse ponto completamente explícito. No entanto, a categoria de Lewis de uma *vergonha virtualmente invisível* que ela chamou de *contornada* pode se revelar central à compreensão da maior parte das ações de violência, tanto individual quanto grupal.

Escondendo a vergonha

Uma maneira linguística de esconder a vergonha é nomear tudo menos as ocorrências mais intensas ou óbvias. A palavra vergonha é definida muito estreitamente

em inglês como uma intensa resposta a uma crise de inadequação ou mau comportamento. Em inglês também, ao contrário da maioria das outras línguas, a vergonha é mantida como distinta, notavelmente, de cognatos menos intensos de constrangimento. Já outras línguas tratam a vergonha como uma família de sentimentos que se desdobra para a vida cotidiana. Em espanhol, por exemplo, a mesma palavra, *verguenza*, é usada para significar ao mesmo tempo vergonha e constrangimento. E em francês, o termo *pudeur*, que é traduzido para o inglês como modéstia, é considerado uma parte da família da vergonha. Contudo, mesmo em inglês, existem algumas exceções que permitem um uso mais despreocupado da palavra vergonha. Através dela se pode, por exemplo, indicar simpatia, como na expressão "Que vergonha" (*What a shame*), significando "que pena", ou pode ser interpretada como uma brincadeira, como na expressão, "Você devia se envergonhar" (*Shame on you*). Como o orgulho, se pode dizer, há um significado positivo e um negativo para a vergonha.

Evelin Lindner tem sido capaz de organizar um seguimento mundial para o estudo de temas sobre a vergonha. O seu sucesso pode ser devido, pelo menos em parte, a sua evitação da palavra-S, especialmente nos títulos dos artigos, no nome dos seus livros (Lindner, 2000; 2006; 2006a; 2010), mas, também, no nome do seu Núcleo de Estudos, o *Human Dignity and Humiliation Studies*¹⁰. No seu livro mais recente (Lindner, 2010), entretanto, ela se refere tanto à vergonha, quanto à humilhação. Um segundo exemplo pode ser visto no trabalho de Robert W. Fuller (2003, 2006, 2008, 2012). Fuller tem falado para grandes audiências em todo o mundo usando palavras-títulos, isto é, palavras amenas e de fácil aceitação pelo público, e, como Lindner, têm evitado a palavra-S.

Uma ilustração do que acontece quando a palavra-S é usada abertamente é fornecida pela história do livro escrito por Lewis (1971). Apesar de ser uma psicanalista altamente conceituada, que serviu um período como presidente da sociedade psicanalítica mundial, ela me confessou que os seus colegas elogiaram o seu livro, contudo, ninguém o leu. O seu livro não tratava, unicamente, sobre vergonha, no entanto, ela teve a audácia de colocar essa palavra no título.

Estudos que escondem vergonha

Goffman não define diretamente o estigma como vergonha (como a maioria dos dicionários o fazem), mas, o seu uso frequente e enfático insinua. O seu uso sugere que o estigma é um certo tipo de vergonha, causado pela rotulação. Uma boa parte dos últimos livros e artigos sobre estigma cita o livro de Goffman, entretanto, evitam a palavra vergonha. O livro de Heatherton et al (2000) o cita nove vezes, sem notar o seu uso da palavra-S. A palavra em si é usada cinco vezes neste livro, porém nunca sozinha. Como acontece frequentemente, quando isso ocorre, o tabu é suavizado, porque está misturado com outros nomes de emoções menos ofensivas ou mais abstratas, como a culpa, a ansiedade, e outras mais.

O conceito de *self autoespelhado* (Cooley, 1902, p. 184-186) é citado em três dos capítulos do livro de Heatherton et al (2000). Na verdade, se encontra inclusive no título de um dos capítulos: *O self autoespelhado revisitado*. Entretanto, nenhuma das citações menciona o que Cooley propôs, isto é, de que o processo de ver a si mesmo nos olhos dos outros sempre termina em orgulho ou vergonha. A revisão amplamente citada da literatura de estigma por Major e O'Brien (2005) menciona o livro de Goffman três vezes, mas, não alude Cooley, nem menciona a vergonha.

A idéia de sofrimento social e de dor é muito mais ampla do que a causada apenas pela rotulagem. Ela envolve toda a dor originada por qualquer tipo de rejeição

¹⁰ *Estudos em Dignidade Humana e Humilhação*

(Kleinman et al, 1997; MacDonald e Jensen-Campbell, 2011). Como os livros editados sobre o estigma, esses dois volumes acima mencionados dificilmente mencionam a vergonha como a emoção-causa da rejeição real ou imaginada (Scheff, 1987, p. 110-111; 2015, p. 9-22). A vergonha não aparece no índice de qualquer um dos volumes mencionados acima. Ela é usada nove vezes no livro de MacDonald e Jensen-Campbell, mas apenas de passagem, ou na companhia de outras emoções não relacionadas.

O termo rejeição, entretanto, é usado nos títulos do estudo muito mais frequentemente do que qualquer outro. Esta listagem abaixo contém apenas um pequeno número dos estudos existentes: Downey et al (2000); Gaertner & Iuzzini (2005, Gaertner (2008), Stenseng (2014), Twenge e Campbell, (2003), Wesselmann et al. (2010), Williams et al. O tributário mais frequente nos estudos sobre a rejeição foi Mark Leary, com cinco itens, como se pode ver a seguir: Leary, (Ed.) (2001); Leary et al. (2003); Leary et al. (2006); Leary & Jongman-Sereno (2014); e Leary (2015).

O último e mais recente campo de pesquisa a ser aqui considerado é chamado de *desejo de status* (Anderson et al, 2015; Cheng & Tracey, 2014). Ele foi deixado por último porque, - ao contrário do número enorme dos campos nomeados acima, que parecem não ter nenhuma idéia que o seu tópico está intimamente conectado com a vergonha, - este campo mostra sinais ligeiros de reconhecimento. A palavra vergonha ocorre cinco vezes no próprio ensaio de Anderson, no decorrer da contagem das descobertas de cinco dos artigos citados, porque esses artigos usam a palavra-S. Este novo campo tem um relacionamento muito cortês com a idéia de vergonha, embora nele não haja citação da literatura específica sobre a vergonha.

Ignorar toda a literatura sobre a vergonha, certamente, não ajuda as tentativas de compreender o estigma, a dor social e o sofrimento, nem a luta por status, e outros. Esta prática, porém, infelizmente, ajuda o público a continuar a ignorar a vergonha em suas vidas e na sociedade. Os cientistas sociais, comportamentais e neurológicos são tão relutantes em usar a palavra-S, quanto o público em geral, se não mais do que eles. Minha esposa, Suzanne Retzinger, uma conselheira de hospício, me disse que a palavra-S é ocasionalmente levantada em sessões, por clientes, sem a solicitação dela. Talvez, nós cientistas, precisássemos de algum aconselhamento sobre este tópico. O que deve ser feito, contudo, é estudar e discutir a vergonha diretamente, em vez de escondê-la atrás de várias dissimulações. Este empreendimento, todavia, exigirá estabelecer algumas demarcações fundamentais. Será necessário, por exemplo, instituir definições basilares, uma vez que as palavras vernáculas para a emoção vergonha e o seu oposto, o orgulho, são confusas e confundem.

Conclusão

Da minha experiência com esses problemas, me parece que a linguagem e as ideias emocionais nas sociedades modernas não são apenas tropos, porém, um tipo especial de tropo. Um tropo comum é uma crença generalizada, e tão firmemente mantida, que se torna evidente (Gibbs, 2015). A vasta estrutura de crenças, em uma sociedade, é composta de tropos interligados, no entanto, alguns deles são fortemente defendidos em relação às mudanças de qualquer tipo. A descoberta de Kepler de que os planetas giram em torno do sol, provavelmente, não foi um choque enorme para o público, pois, a vida diária não dependia desta descoberta. Mas, a sensação de que a vergonha é muito vergonhosa de se mencionar, parece ser um tropo crucial que será defendido como se a vida das pessoas dependesse dele. O trabalho de Goffman, aqui revisto, parece ser um dos primeiros passos para a desmistificação da vergonha, para que esta emoção basilar possa ser falada e estudada.

O estudo da atenção de Goffman às partes e ao todo (Scheff, 2011), de um modo mais amplo, adverte para a necessidade de um novo campo de estudo. Os estudos quantitativos se concentram nas totalidades, com pouca ou nenhuma atenção às partes que as compõem. Na direção oposta, os estudos qualitativos se encenam nas partes, com pouca atenção aos conjuntos maiores. Uma ênfase semelhante, porém, distinta, foi oferecida por Pascal. Este filósofo foi um precursor da ciência (1660) que escreveu sobre o método científico. Ele tinha várias invenções importantes a seu favor, entre elas, a mais conhecida foi o barômetro. Em sua escrita, Pascal parece ter predito o que pode ser uma dificuldade central da ciência moderna: isto é, o foco em métodos sistemáticos. Ele propôs que um segundo método, que chamou de *finesse* (uma intuição refinada e sutil), era igualmente necessário. Este último é idolatrado nas humanidades e pela maioria das religiões, as imobilizando, em grande medida, no sentido oposto ao da ciência. Talvez seja necessário, enfim, um novo campo. Uma arena que acate igualmente as partes e o todo, o sistema e à intuição.

Referências

- ANASTASIO, P. A.; K. C. Rose. Beyond Deserving More Psychological Entitlement Also Predicts Negative Attitudes Toward Personally Relevant Out-Groups. *Social Psicológica and Personalista Sciences*, v. 5, n. 5, p. 593-600, 2014.
- ANDERSON, C.; J. A. D. Hildreth; L. Howland. Is the Desire for Status a Fundamental Human Motive? A Review of the Empirical Literature. *Psychological Bulletin*. March 16, 2015.
- AYDUK, Ö.; A. Gyurak; A. Luerksen. Individual differences in the rejection–aggression link in the hot sauce paradigm: The case of rejection sensitivity. *Journal of experimental social psychology*, v. 44, n. 3, p. 775-782, 2008.
- CHENG, J. & J. Tracey (Eds.). *The psychology of social status*, New York: Springer p. 159-178, 2014.
- COOLEY, Charles H. *Human Nature and the Social Order*. New York: Schocken, 1964, [1902].
- CROSSKEY, L. B.; J. F. Curry; M. R. Leary. Role transgressions, shame, and guilt among clergy. *Pastoral Psychology*, v. 64, n. 6, p. 783-80, 2015.
- DELLWING, M. A Guide to Training Your Own Horses: The Flaneur Approach and Erving Goffman's Uninhibited Research Practices in Sociology. *Symbolic Interaction*. V. 21, p. 126-142, 2016.
- DOWNEY, G.; S. Feldman; O. Ayduk. Rejection sensitivity and male violence in romantic relationships. *Personal Relationships*, v. 7, n. 1, p. 45-61, 2000.
- ELIAS, Norbert. *Über den Prozess der Zivilisation*. 1939. [Reprinted in 1978 as *The Civilizing Process*. London: Blackwell].
- FULLER, R. *Dignity for All*. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers, 2008.
- FULLER, R. *Somebodies and Nobodies*. Gabriola Island, Canada: New Society Publishers, 2003.
- FULLER, R. 2006. *All Rise*. San Francisco: Berrett-Koehler Publishers.
- GAERTNER, L.; J. Iuzzini. Rejection and entitativity: A synergistic model of mass violence. In: K. Williams, J. Forgas and W. Von Hippel *The social outcast: Ostracism, social exclusion, rejection, and bullying*, p. 307-320, 2005.

GAERTNER, L.; J. Iuzzini; E. M. O'Mara. When rejection by one fosters aggression against many: Multiple-victim aggression as a consequence of social rejection and perceived groupness. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 44, n. 4, p. 958-970, 2008.

GIBB, S. C. *Tropes and the generality of laws. The Problem of Universals in Contemporary Philosophy*. Cambridge: Cambridge University, 2015.

GILLIGAN, J. *Violence: Reflections on a national epidemic*. New York, NY: Vintage Books, 1997.

GOFFMAN, Erving. *Stigma*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1963.

GOFFMAN, Erving. "Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso". Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 39, p. 266-283, 2014 [1952].

GOFFMAN, Erving. On Cooling the Mark Out: Some Aspects of Adaptation to Failure. *Psychiatry*, v. 15, n. 4, p. 451-463, 1952.

GOFFMAN, Erving. Embarrassment and Social Organization. *American Journal of Sociology*, n. 62, p. 264-274, 1956.

GOFFMAN, Erving. *The Presentation of Self in Everyday Life*. Garden City, New York: Doubleday/Anchor Books, 1959.

GOFFMAN, Erving. *Asylums*. New York: Anchor Books, 1961.

GOTTSCHALK, L. A.. *Content analysis of verbal behavior: new findings and clinical applications*. Hillsdale, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.

GOTTSCHALK, L.; C. Winget; G. Gleser. *Manual of Instruction for Using the Gottschalk-Gleser Content Analysis Scales*. Berkeley: UC Press, 1969.

HEATHERTON, Ted et al. *The Social Psychology of Stigma*. New York: Guilford, 2000.

KAUFMAN, Gershon. 1989. *The Psychology of Shame*. New York: Springer.

KLEINMAN, Arthur; V. Das; M. Lock (Eds). *Social Suffering*. Berkeley: U. of California Press, 1997.

LEAPE, Lucian L. et al. The Nature and Causes of Disrespectful Behavior by Physicians. *Academic Medicine*, v. 87, n. 7, p. 845–852, 2012.

LEARY, M. R.; K. P. Jongman-Sereno. Twenty-five years of rejection research. In K. Williams & S. Nida (Eds.), *Handbook of ostracism, social exclusion, and rejection*. New York: Psychology Press, 2015.

LEARY, M. R.; K. P. Jongman-Sereno. When rejection kills: The central role of low relational value in school violence. *International Journal of Developmental Science*, n. 8, p. 25-27, 2014.

LEARY, M. R. (ed.). *Interpersonal rejection*. New York: Oxford University Press, 2001.

LEARY, M. R.; J. M. Twenge & E. Quinlivan Jongman-Sereno. Interpersonal rejection as a determinant of anger and aggression. *Personality and Social Psychology Review*, n. 10, p. 111-132, 2006.

- LEARY, M. R.; R. M. Kowalski; L. Smith; S. Phillips. Teasing, rejection, and violence: Case studies of the school shootings. *Aggressive Behavior*, v. 29, n. 3, p. 202-214, 2003.
- LEWIS, Helen B. *Shame and Guilt in Neurosis*. New York: International Universities Press, 1971.
- LINDER, Evelin. *The Psychology of Humiliation*. Oslo: Oslo University, 2000.
- LINDER, Evelin. *Emotions and Conflict*. Westport, Conn. Praeger, 2006.
- LINDER, Evelin. *Making Enemies*. Westport, Conn. Praeger, 2006a.
- LINDER, Evelin. *Gender, humiliation, and global security*. Santa Barbara, CA: Praeger, 2010.
- MacDONALD, Geoff; L. Jensen-Campbell. *Social Pain: Neuropsychological and Health Implications of Loss and Exclusion*. Washington, DC: American Psychological Association, 2011.
- MAJOR, Brenda; L. T. O'Brien. 2005. The social psychology of stigma. *Annual Review of Psychology*, n. 56, p. 393-421.
- PASCAL, Blaise. *Pensees*. Paris: Editions du Cerf, 1982 [1660].
- RETZINGER, Suzanne. Identifying Shame and Anger in Discourse. *American Behavioral Scientist*, n. 38, p. 541-559, 1995.
- SCHEFF, Thomas. *Emotions, the Social Bond, and Human Reality: Part/Whole Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- SCHEFF, Thomas. A Theory of Multiple Killing. *Aggression and Violent Behavior*, v. 16, n. 6, p. 453-460, 2011.
- SCHEFF, Thomas. Parts and Wholes: Goffman and Cooley. *Sociological Forum*, v. 26, n. 3, p. 694-754, 2011.
- SCHEFF, Thomas. Defining Stigma. *International Journal of Social Psychiatry*, n.7, p. 222-225, 2014.
- SCHEFF, Thomas. Toward Defining Basic Emotions. *Qualitative Inquiry*, v. 21, n. 2, p. 111-121, 2015.
- SCHOEL, C.; J. Eck; R. Greifeneder. A matter of vertical position: Consequences of ostracism differ for those above versus below its perpetrators. *Social Psychological and Personality Science*, v. 5, n. 2, p. 149-157, 2014.
- STENSENG, F. et al. Jongman-Sereno. Preschool Social Exclusion, Aggression, and Cooperation A Longitudinal Evaluation of the Need-to-Belong and the Social-Reconnection Hypotheses. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 40, n. 12, p. 1637-1647, 2014.
- TWENGE, J. M.; W. K. Campbell. "Isn't it fun to get the respect that we're going to deserve?" Narcissism, social rejection and aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 29, n. 2, p. 261-272, 2003.
- Von RAUMER, Wilhelm. 1987. *The education of girls*. (Citado em Elias, 1978).
- WEBSDALE, Neil. *Familicidal Hearts: The Emotional Style of 211 Killers*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

WESSELMANN, E. D. et al. Adding injury to insult: Unexpected rejection leads to more aggressive responses. *Aggressive Behavior*, v. 36, n. 4, p. 232-237, 2010.

WILLIAMS, K. D; J. P. Forgas; B. Von Hippel (eds.). *The social outcast: Ostracism, social exclusion, rejection, and bullying*. New York: Cambridge University Press, 2015.

